

Estudo sobre atividades de ensino remotas

Joana Viana de Barros

Técnica em Assuntos Educacionais

Introdução

No contexto pandêmico, no qual nos encontramos, o Calendário Extraordinário Emergencial foi estabelecido com ênfase no que foi denominado “ensino remoto” pelos documentos regulamentadores publicados como Plano de Atividades Acadêmicas e Administrativas para o período de excepcionalidade em virtude da pandemia de COVID-19 (anexo da Resolução 5.307, de 17 de agosto de 2020) e BOLETIM INTERNO nº 1, de 15 de janeiro de 2021. Do primeiro documento, destaca-se que o ensino remoto é “composto de atividades não presenciais a serem realizadas pela UNIRIO para o segmento discente, quando não for possível a presença física destes no ambiente escolar”.

O presente estudo tem como objetivo apresentar, após três períodos de calendário emergencial, uma reflexão derivada da partilha de professores e estudantes que responderam ao formulário elaborado pela equipe do Nape e divulgado com o apoio dos gestores de curso e do Decano do Centro. A premissa é que as respostas ao formulário e as conversas nas Rodas de Conversa podem contribuir para o conhecimento das relações de contexto referentes tanto às soluções positivas quanto às dificuldades dos alunos e professores ao responder o cenário atípico da pandemia.

De acordo com os princípios de Humanismo, Democracia e participação e Pluralismo teórico metodológico, constantes no Estatuto da Unirio (2018), entende-se que a instituição tenha buscado soluções para atender as demandas da comunidade acadêmica. É fato que os alunos e os professores se viram implicados na necessidade de adequação ao ensino remoto

com os recursos tecnológicos, a situação socioeconômica e o estado psicológico que tinham. Neste período, ficou à mostra as dificuldades e as necessidades enfrentadas individual e coletivamente no cenário de distanciamento social, sendo o grupo dos alunos o mais vulnerável.

No intuito de amparar as dificuldades da comunidade acadêmica, dos alunos especificamente, as medidas de flexibilização da Universidade foram:

- ofertar auxílio emergencial e distribuição de cartões, chips e equipamentos,
- abonar as faltas nas aulas síncronas (as atividades assíncronas e síncronas são reconhecidas como elementos de registro de frequência),
- estender o prazo para trancamento de disciplina e do curso,
- possibilitar matrícula em apenas uma disciplina ou ATC,
- desconsiderar o trancamento do curso para efeito de coeficiente de rendimento e jubramento (BOLETIM INTERNO nº 1, de 15 de janeiro de 2021).

As atividades não presenciais na educação

Ensino remoto não é o mesmo que educação a distância. Os estudantes do ensino remoto foram matriculados na modalidade presencial e conviveram presencialmente antes do período excepcional. As semelhanças entre educação a distância e ensino remoto derivam do fato dos dois modos compreenderem atividades não presenciais. E, neste contexto, ressignificam a presença ao acrescentar o distanciamento físico como uma realidade.

A educação a distância foi classificada como uma “modalidade educacional” (Resolução 1, 11 de março de 2016). Longe de ser homogênea, a educação a distância compõem iniciativas diferentes são caracterizadas como

“modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica, nos processos de ensino e aprendizagem, ocorre com a utilização de meios e

tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, políticas de acesso, acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, de modo que se propicie, ainda, maior articulação e efetiva interação e complementariedade e entre a presencialidade e a virtualidade "real", o local e o global, a subjetividade e a participação democrática nos processos de ensino e aprendizagem em rede, envolvendo estudantes e profissionais da educação (professores, tutores e gestores), que desenvolvem atividades educativas em lugares e/ou tempos diversos”.

(Artigo 2, Resolução 1, 11 de março de 2016)

Observa-se que diversos modelos de ensino são classificados como educação a distância, como aqueles amplamente utilizados em esferas empresariais e corporativas com o objetivo de treinar profissionais em serviço, por exemplo. Na educação pública, a modalidade foi direcionada à formação inicial e continuada de professores, principalmente. De acordo com o Decreto 9.057 de 25 de maio de 2017, que regulamentou o artigo 80 da Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDB), “o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de educação a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. Ou seja, com o Decreto houve uma sinalização de ampliação do alcance da educação a distância para todos os níveis, além do nível superior.

Historicamente, a ampliação da oferta da educação a distância está associada à expansão do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). O viés comunicacional da educação sempre esteve presente, mas ficou cada vez mais evidenciado com a ampliação do repertório de tecnologias e ferramentas acompanhado com a ampliação do seu uso pela sociedade. É possível observar que, durante as últimas décadas, as tecnologias da educação pareciam estar restritas ao livro impresso e ao quadro de giz - que mudou para o quadro branco, com a mesma proposta.

No entanto, basta lembrar que o dever de casa sempre foi um componente “a distância” do processo de ensino em que o aluno deveria ganhar autonomia para se relacionar com o conteúdo sem a mediação do professor. Além disso, historicamente, a educação sempre usou as ferramentas de comunicação disponíveis como a televisão, no Telecurso, ou a correspondência, no ensino supletivo. É de supor que a ampliação das

alternativas de comunicação também oferecessem a base para que a experiência educacional seguisse novos caminhos com a incorporação de novos meios.

“Ao mesmo tempo que a aprendizagem acontece por meio das relações, tal processo é gerador de novas relações. O agir, o aprender e o trabalhar transformaram-se em ações comunicativas. A juventude de hoje pode estar atingindo a maioridade e lutando por autonomia e identidade, como seus antecessores o fizeram, mas está vivenciando isso em meio a novos mundos para comunicação, amizade e autoexpressão”. (Tori, 2017, p. 16)

Se o uso das ferramentas de comunicação para diversão e socialização é inquestionável, outra demanda é o uso contínuo exigido para o acompanhamento no ensino remoto. Com a agenda fixada pela instituição e pelo docente, o ambiente virtual de aprendizagem não serve à lógica *on demand*. Trata-se do termo de referência ao modo de consumo de produtos, seja programas de TV, filmes e músicas e, até nas conversas, em que o ritmo parte da escolha dos telespectadores e interlocutores. Este é um ponto importante que ficou evidente no debate sobre as atividades síncronas e assíncronas, e que acabou por considerar as duas formas de participação de forma igualitária. Seja como for, a educação está imbricada com a vida cotidiana e trata-se, acima de tudo, de uma atividade relacional.

Nos posicionamos no sentido de não fragmentar a educação em “modalidades” no entendimento de que o estudo em pauta pretende olhar para a riqueza e para a diversidade do processo educacional, no seu âmbito fundamental. Como Lopes e Pereira (2017) destacam, “educação é um fazer, um processo, um trabalho no qual seres humanos históricos e sociais entram em relação” (p. 26).

Diante de uma realidade que controlamos em parte, é favorável voltar ao que nos fundamenta como sujeitos e profissionais da educação, em que as circunstâncias mudam e seguimos o norte que guia as ações às formas de aproximação implicadas no processo educativo. É sob este prisma que podemos pensar a educação e o ensino remoto, no seu contexto específico que procura assegurar, justamente, a relação entre os sujeitos. Tori (2017) afirma que a educação é sempre um movimento de aproximação, seja do aluno com o professor, do aluno com o conteúdo ou do aluno com outro aluno. Por isso, os termos que

demarcam “distância” e “remoto” como uma diferenciação do contexto presencial são adjetivos que simplificam o processo e deturpam o seu sentido permanente, que independe do contexto.

Afinal, os elementos que impedem que o movimento de aproximação aconteça refletem, em grande parte, uma desigualdade social estrutural, componente que a educação pública é apresentada como uma ideia potente de enfrentamento, compensação e, principalmente, transformação.

Núcleo de Assuntos Pedagógicos e Educacionais - Nape

De acordo com o artigo 8 do Regulamento, aprovado em 2020 (revisão do Regulamento de 2017), o Núcleo de Assuntos Pedagógicos e Educacionais tem por objetivo geral colaborar com os cursos do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH) nos aspectos didáticos e pedagógicos produzindo conhecimentos que visem à melhoria da gestão dos cursos e desenvolvendo ações que favoreçam o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, no período emergencial, a participação do núcleo foi pautada na demanda de adequação do processo de ensino aprendizagem e de acolhimento dos ingressantes no contexto excepcional.

Parceria com a Decania do CCH - Cursos do CCH

No período de 2020-2021, que coincide com o calendário emergencial, a parceria entre o Nape e a Decania do CCH se concentrou:

- na Recepção dos ingressantes no sentido de promover acesso à informação e acolhimento,
- no desenvolvimento de estudos sobre as atividades de ensino remotas com a participação de estudante de pedagogia e bolsista PRADIG.

Os números de estudantes matriculados nos cursos e de professores lotados nos departamentos do CCH são altos: **3.950** estudantes (SIE) e **238** professores (secretaria da Decania). O presente estudo não tem o objetivo de empreender uma análise conclusiva amparada em parâmetros estatísticos. Ele intenciona propor partilhas e o conhecimento das respostas a partir destas partilhas, para então relacionar as respostas na interpretação das experiências vividas no ensino remoto. É importante levar em consideração que estes quantitativos se referem aos estudantes matriculados e professores lotados em cursos presenciais, que, juntos, formaram o grupo de destinatários do formulário.

O estudo

A equipe elaborou dois formulários: uma versão destinada aos alunos e outra destinada aos professores. Um norte da equipe foi o caráter propositivo do estudo. Logo, a abertura de espaço para a partilha dos destaques do ensino remoto com o intuito de aproveitar estas experiências na perspectiva futura. É de se notar que, na ocasião da divulgação do formulário, o calendário emergencial havia sido estendido até março de 2022, o que tornou a experiência prolongada no ensino remoto uma realidade.

As seguintes questões foram formuladas e, a partir delas, foram elaboradas as questões do formulário.

- 1) Quais os destaques positivos e as dificuldades a respeito do ensino remoto?
- 2) Como os alunos e os professores avaliam a interação, a motivação e a aprendizagem no ensino remoto?

A plataforma Limesurvey foi escolhida pelo repertório significativo de ferramentas de análise. A divulgação dos formulários foi feita com a participação do Decano que encaminhou um email às equipes gestoras dos cursos. Os formulários ficaram disponíveis do dia 2 de junho ao dia 2 de julho.

Como forma de análise dos dados, foram testados modos de categorização das respostas às perguntas abertas. A equipe escolheu se concentrar nas seguintes perguntas (abertas) por encontrar nas suas respectivas respostas elementos que elucidariam as questões principais do estudo (a primeira questão):

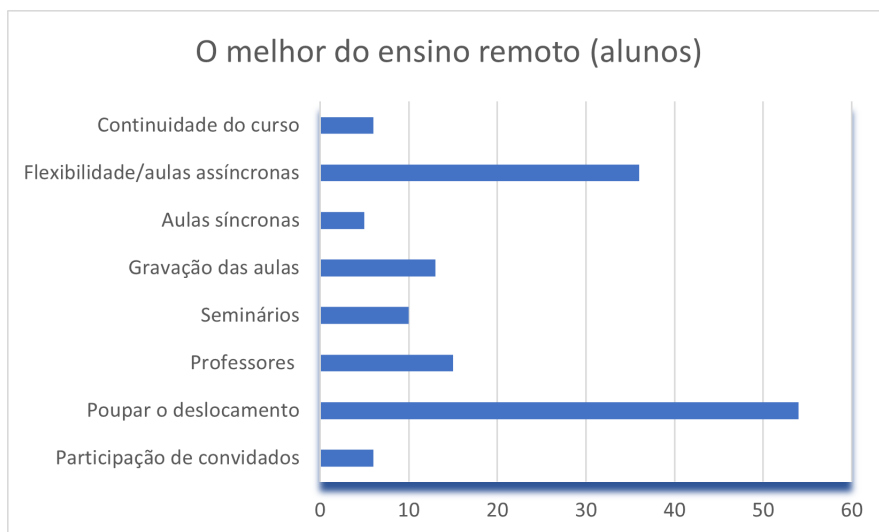
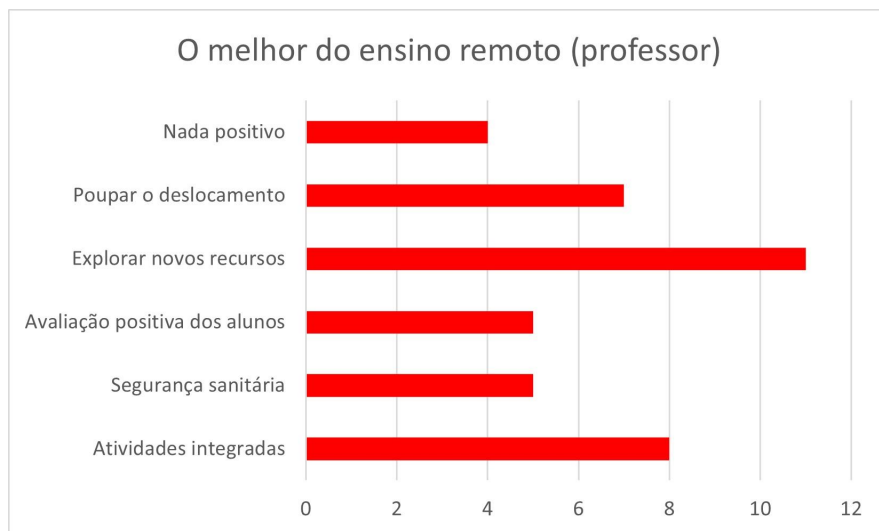
COMUM AOS PROFESSORES E ALUNOS	AOS ALUNOS	AOS PROFESSORES
Escreva, de forma resumida qual foi, até o momento, o melhor das atividades de ensino remotas.		
Escreva, de forma resumida qual foi, até o momento, o pior das atividades de ensino remotas.		
	Você gostaria de compartilhar alguma boa prática docente adotada durante este período remoto? Use este espaço para isto.	
		Você gostaria de compartilhar alguma experiência pedagógica positiva adotada durante este período remoto? Use este espaço para isto.

Resultados

Ao considerar que os quantitativos de estudantes e professores vinculados ao Centro são aproximados, a partir dos resultados de adesão ao formulário (número de respondentes), observamos maior índice do grupo dos professores do que dos estudantes. Este dado poderia indicar uma facilidade de acesso deste grupo em relação ao grupo dos alunos. Relacionamos que, em outras iniciativas do Núcleo, também observamos uma baixa adesão do grupo dos estudantes às pesquisas realizadas (GAE), o que tem incentivado uma reflexão por parte dos envolvidos neste projeto. De forma geral, é possível entender que o professor, como servidor da instituição, compareça de forma mais ativa nas propostas de melhoria dos serviços na qual ele é responsável.

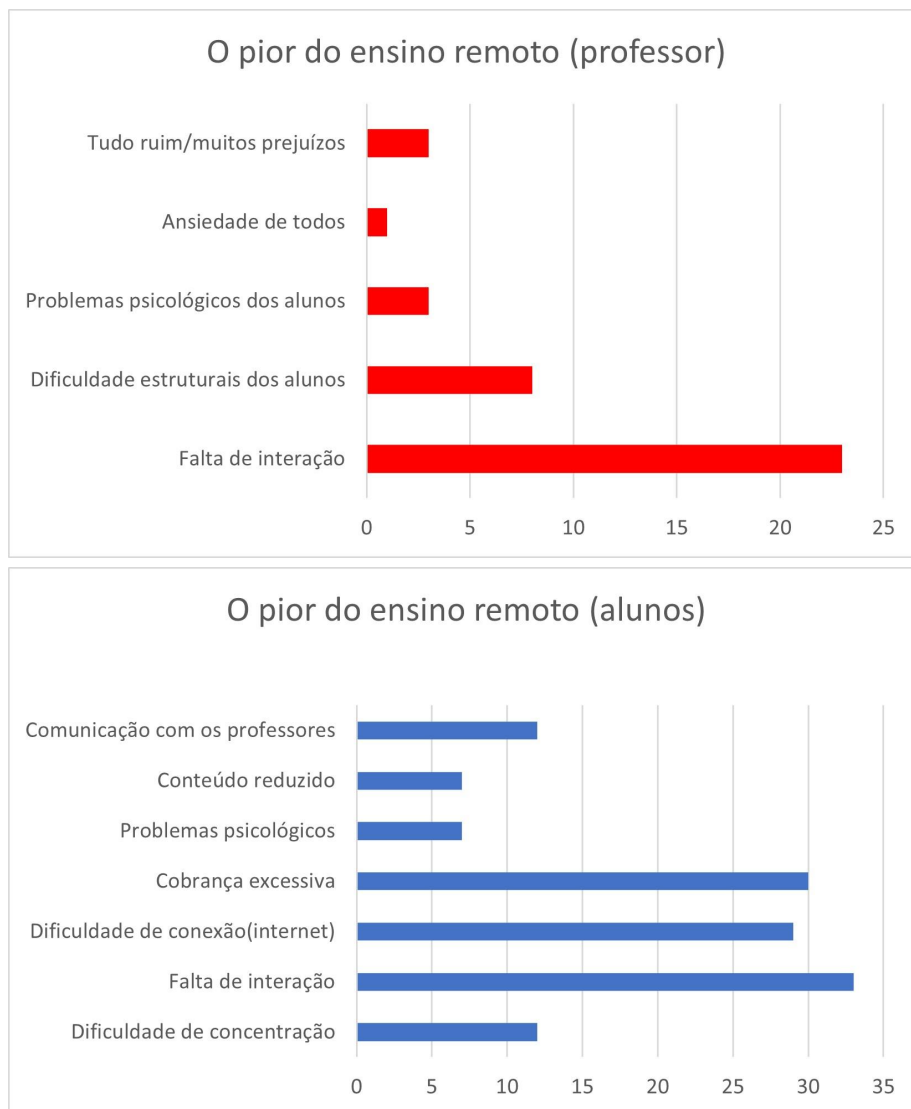
	Número total aproximado	Número de respondentes	Índice de adesão
Estudantes	3950	372	9%
Professores	238	83	35%

Escreva, de forma resumida qual foi, até o momento, o **melhor** das atividades de ensino remotas.



A categoria **poupar o deslocamento** foi a mais citada pelos alunos como “o melhor das atividades de ensino remoto”. **Explorar novos recursos**, a mais citada pelos professores. Destaca-se que poupar o deslocamento também foi mencionado amplamente pelos professores como uma vantagem.

Escreva, de forma resumida qual foi, até o momento, o **pior** das atividades de ensino remotas.



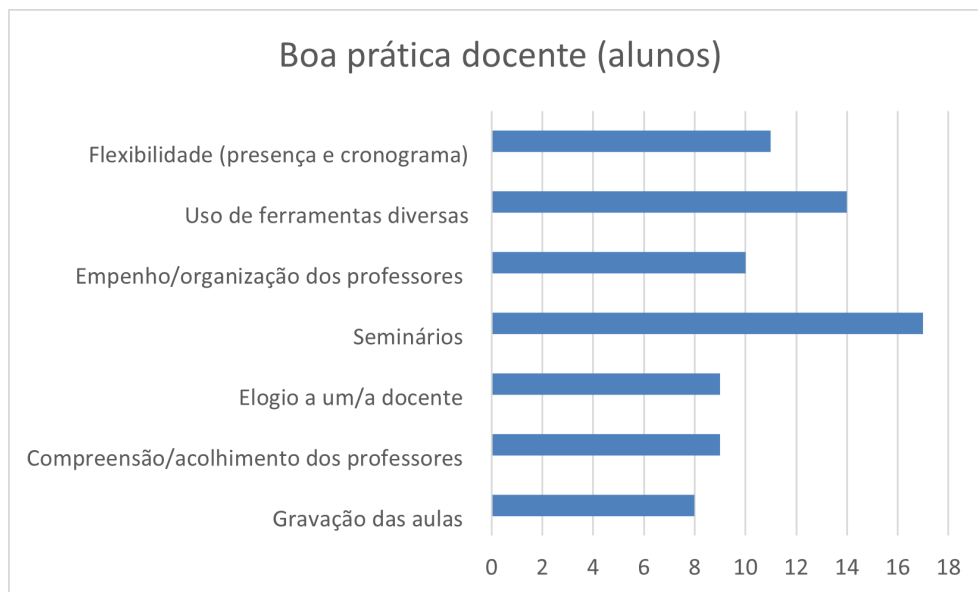
A **falta de interação** foi a desvantagem mais citada nos dois grupos. No entanto, por falta de interação, como categoria, foram agrupadas respostas de associações diferentes para os dois grupos.

Para os alunos, a falta de interação em associação a “ falta de vivência universitária”, “falta de ambiente acadêmico”, “impossibilidade da experiência educativa de forma ampla”, “falta de contato direto com outros alunos e professores”, “falta de uma conversa presencial” e “falta de socialização”.

Para os professores, a falta de interação está associada a “falta de contato”, “câmeras desligadas”, “interação ruim nas salas virtuais” e “perda de contato face a face”.

Interessante pontuar que as condições do ensino remoto não configuram a falta de interação, de modo absoluto, mas de uma falta em comparação com o ensino presencial. Ainda que a pergunta não tenha proposto uma comparação, o respondente, inevitavelmente analisa a experiência atual em contraste com aquela vivida antes do contexto presente.

Você gostaria de compartilhar alguma boa prática docente adotada durante este período remoto? Use este espaço para isto.



Os Seminários, prática mais citada como uma “boa prática”, reflete também a alta adesão dos estudantes de Pedagogia ao formulário, pois trata-se de uma iniciativa dos professores do Departamento de Didática. A flexibilidade, o uso de ferramentas diversas e as aulas gravadas agradam parte dos alunos e atendem à lógica de consumo centrada na escolha do ritmo do estudo pelo próprio aluno.

Você gostaria de compartilhar alguma **experiência pedagógica positiva** adotada durante este período remoto? Use este espaço para isto.



Poucos professores responderam esta pergunta, 34 no total. Importante pontuar que as exigências do momento e as soluções implementadas podem agradar ou desagradar alguns professores e alunos completamente, como foi o caso de cinco respondentes deste grupo. No entanto, os posicionamentos podem ser ambíguos, com pessoas insatisfeitas com a situação, mas satisfeitas com alguma iniciativa. No cenário de incertezas, o comparecimento de alguma troca positiva e a garantia de continuidade do trabalho pode se apresentar como um elemento de segurança.

Considerações

A partir do presente estudo, nos parece central pensar a relação entre alguns conceitos amplamente utilizados. Os conceitos de interação, de diálogo e de distância, usados como referencial importante da Educação, podem ser observados em relação e na prática das atividades de ensino remotas.

A interação foi associada com uma falta nas atividades de ensino remotas. Comentamos que haveria interação, garantida pelo uso de tecnologia. No entanto, a tecnologia não seria suficiente para transpor a distância sentida pelos participantes e, por isso, a interação seria negada como uma falta.

A teoria de distância transacional, proposta por Moore (apud Tori, 2017), associa a educação com o espaço psicológico e comunicacional a ser transposto, sendo o diálogo parte fundamental para a superação.

“A existência de meios que possibilitem uma boa interação (proximidade física ou tecnologias interativas, como videoconferência, p. ex.) é condição necessária, mas não suficiente, para a ocorrência de diálogo. Para que o diálogo efetivamente ocorra, além da predisposição psicológica dos participantes, há a necessidade de condições propícias, tais como quantidade adequada de alunos por professor e oportunidades para participação. Quanto maior a extensão de diálogo entre alunos e professores, menor será a distância transacional” (Tori, 2017, p. 59).

Vivemos um momento exigente. Para alguns respondentes as soluções do ensino remoto atenderam bem às suas condições, para outros atenderam menos e para alguns não atenderam em absoluto. Em comum, trata-se de um momento importante de reflexão da educação, como um fazer, que supõe aproximações entre os sujeitos envolvidos com a intenção de ultrapassar os vários modos de distância possíveis.

Referência

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Resolução CNE/CES 1, 11 de março de 2016.

BRASIL. Decreto 9.057 de 25 de maio de 2017.

LOPES, Luís Fernando; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. O que e o quem da EAD. In: Educação a Distância (EaD): reflexões críticas e práticas. PEREIRA, Maria de Fátima

Rodrigues, MORAES, Raquel de Almeida, TERUYA, Teresa Kazuko (Org). Navegando Publicações. Uberlândia, MG. 2017.

TORI, Romero. Educação sem distância - As tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. Artesanato Educacional. São Paulo, 2017. EBook.

UNIRIO. Boletim Interno n. 1, 15 de janeiro de 2021